

CADERNO TEOLÓGICO


Religião, democracia e direitos humanos


periodicos.pucpr.br/cadernoteologico



As Marias do quarto Evangelho: o discipulado vivido no silêncio e ação!

THE MARY OF THE FOURTH GOSPEL: Discipleship lived in silence and action!

Nome: José Ancelmo Santos Dantas [a] 
Diocese de Santo Amaro, São Paulo; Brasil
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Nome: Pedro Henrique [b] 
Diocese de Santo Amaro, São Paulo; Brasil
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Como Citar: DANTAS, José Ancelmo Santos; HERIQUE, Pedro. As Marias do quarto Evangelho: o discipulado vivido no silêncio e ação! Caderno Teológico, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 09, n. 01, p.4-14, jan./jun, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.01.p04-14>

Resumo

O presente estudo analisa a presença e o papel das mulheres chamadas Maria no quarto Evangelho, com ênfase na forma como sua atuação discipular se manifesta tanto no silêncio quanto na ação. A pesquisa adota uma abordagem exegética e

[a] ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7693-5764> - ancelmo_dantas@outlook.com

[b] ORCID: ? - irjosemaria@fsjpil.com

teológica, fundamentada na análise sistemática das passagens bíblicas em que essas personagens aparecem (Jo 11,1-12,3; 19,25-20,18), considerando também a influência do contexto sociocultural da época. Os resultados indicam que, embora não tenham sido chamadas oficialmente como os Doze, essas mulheres exerceram um papel fundamental no seguimento de Jesus, demonstrando fidelidade e serviço ativo. A narrativa joanina, ao mesmo tempo que ressalta a discipulação dessas personagens, destaca sua presença constante nos momentos cruciais da missão de Cristo, culminando no reconhecimento de Maria Madalena como a primeira testemunha da ressurreição. Conclui-se que o Evangelho de João apresenta um modelo de discipulado feminino caracterizado pela escuta atenta, pela permanência e pelo testemunho, aspectos essenciais para a compreensão do seguimento de Jesus.

Palavras-chave: Maria. Quarto Evangelho. Discipulado. Testemunho. Sagradas Escrituras.

Abstract

The present study analyzes the presence and role of women called Mary in the fourth Gospel, with an emphasis on the way in which their discipleship is manifested both in silence and in action. The research adopts an exegetical and theological approach, based on the systematic analysis of the biblical passages in which these characters appear (John 11,1-12,3; 19,25-20,18), also considering the influence of the sociocultural context of the time. The results indicate that, although they were not officially called as the Twelve, these women played a fundamental role in following Jesus, demonstrating loyalty and active service. The Johannine narrative, while highlighting the discretion of these characters, highlights their constant presence in crucial moments of Christ's mission, culminating in the recognition of Mary Magdalene as the first witness to the resurrection. It is concluded that the Gospel of John presents a model of female discipleship characterized by attentive listening, permanence and testimony, essential aspects for understanding the following of Jesus.

Keywords: Mary. Fourth Gospel. Discipleship. Testimony. Holy Scriptures.

Introdução

De acordo com as tradições presentes no quarto evangelho, o nome “Maria (Μαρία)” aparece quinze vezes: (Jo 11,1.2.19.20.28.31.32.45; 12,3; 19,252x; 20,1.11.16.18). Seguindo de modo sistemático o texto bíblico, presente no quarto Evangelho, ora fala-se a respeito de Maria, irmã dos irmãos: Lázaro e Marta (Jo 11,1.2.19.20.28.32.45; 12,3). Noutras vezes, descrevem-se as quatro Marias, sendo a primeira Maria, a mãe de Jesus (Jo 19,25b), a segunda Maria, a irmã da mãe dele (Jo 19,25c), a terceira Maria, mulher de Clopas (Jo 19,25d), e, a quarta, Maria Madalena (Jo 19,25e). Além disso, em (Jo 20,1.11.16.18) registram-se narrativas fortes a respeito de Maria Madalena, caracterizadas pela intensidade teológica e emocional que marcam seu encontro com o Ressuscitado. Esses relatos destacam não apenas sua busca ansiosa pelo Senhor, mas também a transformação radical de sua dor em júbilo ao reconhecê-lo pelo nome (Jo 20,16). A força dessas passagens reside na vivacidade dos diálogos e na carga simbólica do cenário, enfatizando a centralidade de Maria Madalena como a primeira testemunha da ressurreição, evento que inaugura a nova criação e confirma a vitória sobre a morte.

Com isso, imagina-se que essas personagens desenvolveram um papel fundamental durante o ministério público de Jesus de Nazaré. Sabe-se que, embora não tenham sido chamadas oficialmente, tal como ocorreu com a eleição dos doze (Jo 1,35-42; Lc 6,12-16), aproximaram-se de Jesus, e este jamais as dispersou. Pelo contrário, acolheu-as e com elas conviveu. Além do mais, exceto Maria Madalena (Jo 20,1.11.16.18; 19,25) e Maria, irmã de Lázaro e Marta, que pouco falaram (Jo 11,32), todas as outras Marias viveram seu protagonismo de maneira silenciosa, seja por uma escolha pessoal marcada pela doçura e discrição, seja pelo modo como os redatores dos evangelhos registraram suas presenças. O silêncio que as envolve pode ser interpretado tanto como um testemunho de fé e maturidade espiritual quanto como um reflexo das dinâmicas socioculturais da época, nas quais as vozes femininas nem sempre foram plenamente evidenciadas nos relatos escritos.

Ao que parece, as Marias são dadas sempre ao fazer e fazem quando se reúnem e se encontram. Fazem, pelo fato de permanecer, estar e contemplar. Imagina-se que, com a presença dessas mulheres junto ao Crucificado de Deus, tenha-se inaugurado visivelmente “um novo tipo de convivência, sem, necessariamente, anular as convivências antigas” (GRENZER, 2017, p. 458). No Evangelho de João, será possível compreender também que, ao passar pela vida de Jesus de Nazaré, cada Maria pôde deixar marcas positivas na vida dele.

Enfim, ao analisar os diversos textos bíblicos, o leitor ou a leitora perceberá que havia um “séquito incomum de mulheres”, algumas “estáveis”, outras se “juntavam” de vez em quando, mas é fato que essas Marias, de algum modo, “percorreram os acontecimentos fundamentais acerca da vida de Jesus, isto é, sua “paixão, morte, sepultura e ressurreição” (MARTINI, 2018, p.18).

Maria a irmã dos irmãos

Ao acompanhar, sistematicamente, o caminho literário no texto do quarto Evangelho, o ouvinte/leitor se deparará, primeiramente, com a mulher Maria, a irmã dos irmãos. Esta última possui oito presenças entre os capítulos 11 e 12 do quarto Evangelho. Sendo que sete delas encontram-se apenas no capítulo 11. É curioso precisar, hermeneuticamente, o seguinte: justo no capítulo cuja temática trata da ressurreição de Lázaro, amigo de Jesus e irmão das irmãs (Jo 11,1-46), por sete vezes será lembrado o nome de Maria (vv. 1.2.19.20.28.32.45). O último uso do nome dela está reservado ao capítulo 12, onde se descreve o episódio da unção em Betânia (v. 3)."

Há enigmas de todos os lados, e o ouvinte/leitor é convidado a decifrá-los. De um lado, esta é uma família composta apenas de irmãos; nela, não há a hierárquica paterna ou materna. Amizade e fraternidade os uniram! Biblicamente, há um verso fecundo em seu conteúdo, embora não cite claramente o nome Maria: “Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro” (v. 5). Sendo assim, o amor era a base desse lar, amizade e família. Teria aqui, a tradição do quarto Evangelho pensado no prelúdio do que é viver no céu, em família? Mais ainda: a perfeição, no sentido de indicar totalidade, com as 07 presenças comportamentais atribuídas a personagem Maria, coloca o leitor/ouvinte em estado de alerta. Portanto, que sejam lidas algumas pequenas micronarrativas que versam sobre esta personagem, assim intitulada. Acompanhem-na:

Quadro 1 – “Maria”

texto em grego	citação	texto em português
... τῆς κώμης Μαρία ...	(11,1)	... o povoado de Maria ...
... Μαρία ἦν δὲ ἡ ἀλείψασα τὸν κύριον ...	(11,2)	... Maria era aquela que ungira o Senhor...
... πολλοὶ Ἰουδαίων ἐληλύθεισαν πρὸς τὴν Μαρία ...	(11,19)	... muitos judeus vieram a Maria ...
... Μαρία δὲ ἐν τῷ οἴκῳ ἐκαθέζετο ...	(11,20)	... Maria , porém, ficou em casa sentada...
... τοῦτο εἰποῦσα ἀπῆλθεν καὶ ἐφώνησεν Μαρία ...	(11,28)	... tendo dito isso, foi chamar Maria ...
... ἡ οὖν Μαρία ὡς ἦλθεν ὅπου ἦν Ἰησοῦς ...	(11,32)	... Maria chegou ao lugar onde Jesus estava ...
... Πολλοὶ Ἰουδαίων οἱ ἐλθόντες πρὸς τὴν Μαρία ...	(11,45)	... muitos judeus vieram visitar Maria ...
... ἡ οὖν Μαρία λαβοῦσα λίτραν μύρου νάρδου ...	(12,3)	... então Maria , tendo tomado uma libra nardo puro ...

Fonte: produzido pelo autor

Para a tradição do quarto Evangelho, Maria, a irmã dos irmãos, não é uma personagem secundária. Nela pode-se encontrar uma qualidade literária de grande profundidade. Ao que parece, trata-se de uma personagem concreta, conhecida, inclusive, no “povoado por todos” (Jo 11,1). Membro de uma família composta por irmãos e, não menos importante, amiga de Jesus. Diferentemente das tradições sinóticas, o quarto Evangelho nomeia, na medida em que especifica a personagem e o feito dela frente à cena em questão: “Maria era aquela que ungira o Senhor com perfume e enxugara-lhe os pés com os cabelos” (Jo 11,2).

Em Lc (7,36-39), essa cena sofre algumas mudanças. Há uma mulher como autora da cena, mas inominada, cabendo-lhe o predicamento de “pecadora”. A cena se passa, de acordo com a pena lucana, na casa de um fariseu, diante de uma mesa. Além do rito já descrito (Jo 11,2), a saber: “ungir o Senhor com perfume e enxugar os pés com os cabelos”, Lc acrescenta mais uma ação: “cobria-os de beijo” (Lc 7,38). Para Mt e Mc, a cena se passa na casa de “Simão, o leproso” e descreve “uma mulher”, também inominada, trazendo consigo um “alabastro de perfume de grande valor”, que, para a tradição mateana e marcana, “foi derramado” (Mt 26,7)

e/ou “rompido” (Mc 14,3) sobre “a cabeça” de Jesus. Ao ungir a cabeça de Jesus, Maria “reflete sua crença de que Ele realmente era o Cristo, o ungido” (HEASTER, 2007, p. 49). Logo cedo a tradição cristã imaginou esta mulher como Maria de Magdala. Conclusão não aceita por todos os exegetas!

Ao saber do luto vivido com a morte do irmão Lázaro, “muitos judeus vieram até Marta e Maria, a fim de consolá-las” (Jo 11,19). Neste momento, há na cena, um divisor de comportamentos. Marta, já conhecida pela pena lucana como uma mulher “atarefada em muitos serviços” (Lc 10,40); ao “ouvir que Jesus estava chegando, foi encontrá-lo” (Jo 11,20). Repentinamente, o leitor do quarto Evangelho, pode se dar o luxo de lembrar: da “ida de Maria de Magdala bem cedo, quando ainda estava escuro”, rumo ao sepulcro (Jo 20,1). E, da volta dela apressada, trazendo a notícia. Mas Marta embora tenha agido de forma semelhante a Maria de Magdala, não é a mesma pessoa. Aliás, Maria, a irmã dos irmãos, não é Maria de Magdala. Em todo caso: “Marta” é quem vai “encontrá-lo”, enquanto “Maria permanece em casa sentada” (Jo 11,20). A postura física de Maria, a irmã dos irmãos, abre espaço para questionamentos no mundo psíquico do ouvinte/leitor: como Maria, nesse caso, pode ser considerada discípula? Porventura, sentar e permanecer não são verbos que indicam calma? Imagina-se que essa posição de Maria revele ao leitor o lado mais “contemplativo” e “silencioso” (MARTINI, 2018, p. 20) dela. Fato é que, Maria, de um lado, encontra-se sentada, numa atitude de quem deseja raciocinar e compreender, o luto pela qual passa, e, de outro, numa atmosfera de aprendizado constante. Todavia, o leitor e/ou o ouvinte captará, então, uma outra Maria, dessa vez, feita e dada ao fazer, uma Maria ativa, no sentido de apressada. Ao chegar no lugar onde Jesus estava: “Maria viu e caiu aos seus pés” (Jo 11,32). Quer dizer: a atitude de sair, e de pressa, pressupõe quietude interior. E esta última passa pelo exercício da escuta, do raciocínio e da compreensão. Em suma, parece mesmo que Maria, a irmã entre os irmãos, tenha “escolhido a melhor parte, que não lhe será tirada” (Lc 10,42).

Maria, a mãe de Jesus

Em todo o Novo Testamento o nome “Maria (Μαρία)” aparece 54 vezes. Todavia, torna-se chamativo perceber que, dessas diversas presenças, somente 19 se referem a Maria, que recebe em muitas ocasiões o predicamento de mãe de Jesus, ao lado de esposa de José. O ouvinte/leitor já sabe: para o quarto Evangelho tudo é símbolo, e, portanto, digno de ser pensado teologicamente. Simbólico, por exemplo, é o número 19, pois, para chegar a essa conclusão, faz-se necessário calcular $7 + 7 + 5 = 19$. Quer dizer, em Maria, mãe de Jesus, Deus resolveu unir nas tradições do Novo Testamento, 2x a totalidade e/ou a plenitude, isto é, $7 + 7$, mais a presença atualizada da Torá, 05. Dito de outro modo, afetiva e efetivamente, em Maria, mãe de Jesus, o ser humano pode encontrar, por benevolência divina, o núcleo da Lei assumida duplamente em sua plenitude.

Maria, ora é lembrada como quem tem “um esposo” (Mt 1,16) e, portanto, “como esposa” (Mt 1,20; Lc 2,5) de José. Noutras vezes, pensada como a “mãe de Jesus” (Mt 1,18; 2,11; 13,55; At 1,14), “mãe do menino” (Lc 2,34), “como uma virgem” (Lc 1,27), “abençoada por Deus” (Lc 1,30), “questionadora” (Lc 1,34) nata, no sentido de aprendiz eterna, por isso, “serva” (Lc 1,38), “apressada” (Lc 1,39), possuidora de uma “voz pneumatológica” (Lc 1,41). Maria, mulher do “dizer” (Lc 1,46), do “permanecer” (Lc 1,56), da “manjedoura” (Lc 2,16), que “conservava” e “meditava” (Lc 2,19) sobre tudo o que lhe era dito em seu coração.

Das inúmeras vezes que aparece o termo “Maria (Μαρία)” no quarto Evangelho, raríssimos são os momentos de uso do nome acompanhado pelo predicamento ou título: “mãe de Jesus (μήτηρ ἡ Ἰησοῦ)”. Todavia, se o evangelista economizou no nome “Maria (Μαρία)”, não o fez no predicamento, “mãe (μήτηρ)”, no caso, de Jesus. São 11 as presenças de Maria, pensadas literariamente, como mãe de Jesus: (Jo 2,1.3.5.12;

3,4; 6,42; 19,25x.26x.27). Ao falar de Maria, a tradição do quarto Evangelho pensa-a como: “mãe” (Jo 2,1), “mãe de Jesus” (Jo 2,3; 6,42), “mãe com quem Jesus andava” (Jo 2,12), mãe que “fala aos serventes” (Jo 2,5), mãe de “ventre materno” (Jo 3,4), “mãe junto à cruz” (Jo 19,25), “mãe vista por Jesus” (Jo 19,26x), “eis tua mãe” (Jo 19,27), e, por fim, “a irmã de sua mãe” (Jo 19,25). Percebe-se, frente à tradição do quarto Evangelho que Maria seguiu um determinado caminho, estando junto ao seu Filho, Jesus.

Em Caná da Galileia, ela estava (Jo 2,1s) e, depois, foi convencida a partir rumo a Cafarnaum (Jo 2,12s). Em seguida, será vista somente junto à Cruz (Jo 19,25s). Inquieta o ouvinte/leitor do quarto Evangelho a ausência de Maria em atos da vida pública de Jesus. O silêncio do quarto Evangelho, neste quesito, tornou-se barulho gramatical para a tradição sinótica. Quando avisado acerca de seus parentes, sendo que estes últimos queriam falar-lhes, Jesus respondeu: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”¹ (CANTALAMESSA, 1992, p.75) (Mt 12,46-47; Mc 3,31-33; Lc 8,19-21). E somente Lc, por possuir uma singular sensibilidade, também informou sobre o elogio recebido por alguém que, dentre a multidão escutava Jesus: “felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram” (Lc 11,27). Notem, em contrapartida, que em (Jo 7,3s) por ocasião da festa judaica das Tendias, Jesus recebe um conselho, por parte dos irmãos; a presença da mãe é negada.

Guardando-se as devidas proporções, o ouvinte/leitor, ao se aproximar dos 27 livros que compõem o cânon do Novo Testamento, intui: Maria, a mãe de Jesus, deveria ter sido mais mencionada nessas tradições. Também, é verdade que ela não ficou de fora, dos principais momentos da vida de seu Filho: “Visita do Anjo”, “Cruz” e “Descida do Espírito”² (CANTALAMESSA, 1992, p.06). Por ocasião da “visita do Anjo Gabriel” (Lc 1,26), Maria é presenteada com um nome inaudito, inclusive, para ela mesma: “cheia de graça (ἐχαρίτωσεν)” (Lc 1,28), expressão única nas tradições dos Evangelhos e usada somente mais 01 vez em (Ef 1,6). Sabe-se que o nome no Antigo Israel, apontava para a identidade da pessoa. Neste caso, Maria não apenas tem graça, mas é graça.

Em (Jo 19,25) se dá, o segundo momento, trata-se da “hora” da “Cruz (σταυρός)”. Que nos (v. 26 e 27) o evangelista tem a delicadeza literária de informar ao leitor: “Jesus” estando na cruz, ao ver sua mãe e, a seu lado, aquele discípulo que ele amava, disse à mãe: Mulher eis teu filho!” E, em seguida, disse ao discípulo: “eis tua mãe”. Seja observado que “desde a cruz, Jesus se volta primeiro para sua mãe” (BEUTLER, 2016, p.289). Maria, mãe de Jesus já tinha aparecido no início do Evangelho (Jo 2,1-5) e volta agora, em (Jo 19,25-27), quando a grande narrativa caminha para sua conclusão (MALZONI, 2018, p.289). E, por fim, a cena é concluída do seguinte modo: “a partir daquela hora o discípulo a tomou consigo” (v. 27). A expressão “tomar consigo (εἰς τὸ ἰδίαν)” se tornou, desde cedo, objeto de estudo, e, de lá para cá, tem sido alvo de diversas interpretações.

Alguns pensaram que, neste momento Jesus estivesse concedendo a Maria a coroa de sua Maternidade, inclusive, destaca-se, o bispo de Hipona, dentre os que, muito pensaram sobre essa tese (AGOSTINHO, 2022). Todavia, após leitura acurada da constituição dogmática *Lumen Gentium*³, e, em diálogo com pesquisas recentes (AMORIM, 2017), prefere-se compreender Jesus convidando Maria, mulher – mãe, a fazer a única passagem que ainda lhe faltava: a do discipulado! Dito de outro modo, pela visita do Anjo, Maria, decidiu-se completamente, inclusive em seu coração, mas será agora, junto à cruz que a virgem filha de Sião, entrará no novo lar, a saber: a casa dos discípulos e junto a eles, experimentará o que significa ser discípula, sem naturalmente, deixar de ser mãe. Pensar que, ao viver sua única e grande “hora”, Jesus estivesse preocupado

¹ CANTALAMESSA, interpreta tais perícopes como uma espécie de *Kénose*. Para este último, há uma *Kénose* de Jesus e uma *Kénose* de Maria. Aquele sofreu na medida em que se despojou de seus legítimos direitos e prerrogativas divinas. E, Maria, por sua vez, sofreu pelo fato de deixar-se despojar pelos seus legítimos direitos como mãe do Messias.

² Esquema semelhante o leitor poderá encontrar na obra: CANTALAMESSA, Raniero. **Maria um espelho para a Igreja**, Editora Santuário; 17ª edição 1 janeiro 1992. p. 06. Com uma diferença de terminologia: Encarnação, Mistério Pascal e Pentecostes.

³ Cf. Constituição Dogmática sobre a Igreja **Lumen Gentium**, do Concílio Vaticano II, Capítulo VIII, parágrafo 58.

com uma “casinha” (MARTINI, 1995, p.34), a fim de deixar sua mãe bem instalada, é no mínimo, ignorância literária junto à tradição do quarto Evangelho. Sob a “orientação de Jesus”, Maria “penetra” e, assim, “participa” da hora “salvífica de seu Filho” (RAVASI, 2011, p.83).

E, por fim, há o terceiro e, último grande momento na vida do Filho, no qual se pode encontrar Maria, trata-se da “descida do Espírito” (At 1,14). No cenáculo, Maria representa o “protótipo da comunidade reunida que reza” (CANTALAMESSA, 1992, p. 131). E, paulatinamente, sai de cena em silêncio. Ao retrair-se na cruz, o Filho entrega o espírito e morre. Aqui, céus e terra silenciam. Maria, neste momento estava e não ousou falar ou dizer palavra alguma. Agora, reportada ao cenáculo, compreende que é o momento de se recolher, silenciar e ser na comunidade dos discípulos de Jesus, testemunha de seu amor ressuscitado.

As outras Marias

Frente às tradições bíblicas, o ouvinte/leitor cultiva a sensação de que foram diversas as Marias, a ocupar papéis na narrativa em questão. Ao ler e/ou ao ouvir a perícopes seguinte, ora se pensou em três, ora em quatro Marias. Fato é que, de (Jo 19,25) pode-se depreender, em primeiro lugar, uma notícia introdutória, isto é: “junto à cruz de Jesus, porém, haviam permanecido” (v. 25a), seguida da descrição de quatro personagens (GRENZER, 2017, p. 458):

- primeira personagem: “sua mãe” (v. 25b);
- segunda personagem: “a irmã de sua mãe” (v. 25c);
- terceira personagem: “Maria de Clopas” (v. 25d);
- quarta personagem: “e Maria de Magdala” (v. 25e).

Além disso, o ouvinte/leitor atento à tradição do quarto Evangelho percebe que esta cena em (Jo 19,25s) é um retrato que se abre e se fecha com outro retrato anterior, descrito em (Jo 19,23s). Neste último caso, assumiu o protagonismo da cena, os soldados. Levados pela mais absoluta irracionalidade e exercendo, frente a Jesus, a função do poder, os soldados “tomaram suas vestes e as partiram em quatro partes, a cada soldado uma parte, e a túnica” (BEUTLER, 2016, p. 438). Quer dizer, quatro soldados exerceram um papel esdrúxulo frente ao Cristo de Deus, desrespeitando, inclusive, a humanidade dele. Somado a isso, sentem necessidade de levar embora os poucos pertences de Jesus, dividindo-os em quatro partes. Mas a cena avança e ganha em qualidade narrativa, na medida em que o evangelista apresenta quatro mulheres. Estas, diferente dos quatro soldados, usarão a sensibilidade – que lhes é peculiar – e a delicadeza, transformando o terror do Calvário em pétalas de amor. Dito de outro modo: os quatro soldados levaram os pertences de Jesus, enquanto as quatro mulheres nada levaram dele, ao contrário, deram-lhe suas presenças e, com ele – com Jesus – junto à cruz, permaneceram (v. 25a). No dizer de dom António Couto: “elas abraçaram à Cruz de Jesus como se fosse uma pessoa” (COUTO, 2014, p.95).

A tradição sinótica⁴ também reservou espaços literários para refletir sobre outras Marias. Em (Mt 27,55) é dito que “estavam ali muitas mulheres⁵”, mas olhando de longe, estas acompanhavam “Jesus desde a Galileia”, com pretensões de “servi-lo” entre tantas, a pena mateana descreveu:

- primeira personagem: “Maria de Magdala” (v. 56a);

⁴ Em (Mc 15,40) o ouvinte/leitor encontra uma estrutura bastante similar a esta. Com dois detalhes diversos: o primeiro, trata de especificar que Tiago é o Menor; e, o segundo, nomeia o nome da mãe dos filhos de Zebedeu: Salomé.

⁵ Em (Lc 23,27) descreve-se o caminho para o calvário com a cruz as costas, no qual, há uma “grande multidão do povo”, bem como também de “mulheres” e, segundo a tradição lucana: estas últimas, no caso as mulheres.

- segunda personagem: “Maria” (v. 56b);
- terceira personagem: “a mãe de Tiago e José” (v. 56c);
- quarta personagem: “e a mãe dos filhos de Zebedeu” (v. 56d).
-

Todavia, em (Lc 23,27), há uma proposta literária diversa, na medida em que se descreve o caminho para o Calvário com a cruz às costas, “grande multidão do povo” (v. 27a), bem como também de “mulheres” (v. 27b), seguiam a Jesus. Embora Lc não mencione o nome das mulheres, ele lembra o comportamento delas frente ao Injustiçado de Deus: “batiam no peito e se lamentavam por causa dele” (v. 27c). Com isso, imagina-se que o “lamento” vivido, há pouco tempo, por parte de Jesus, ao “ver a cidade de Jerusalém” (Lc 19,41) – numa esfera universal – haja vista, que ele se lamentou por causa do fechamento da cidade, e das estruturas dela; foi prelúdio e trampolim, para o “lamento” das “mulheres”, ao vê-lo sofrer e ser rejeitado. É muito provável que elas tenham compreendido com maior nitidez que Jesus é o Messias que veio da parte de Deus. Algo, inconcebível, sobretudo para as camadas privilegiadas, quer do poder romano, quer do poder judaico, à época!

Maria de Magdala

Assim essa Maria foi chamada pelo fato de pertencer a uma localidade às margens do lago da Galileia⁶. Nas tradições do quarto Evangelho, Maria de Magdala possui relativamente, poucas aparições. Não mais que cinco (vide tabela abaixo). Em dois casos (v. 11 e 16), o nome Magdala não aparece, mas o leitor logo intui sua presença devido ao contexto da narrativa.



Quadro 2 – “Maria de Magdala”

⁶ Cf.: 1. Mapa Físico Da Terra Santa, disponível em <https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/bible-maps/map-1?lang=por>, acesso em 20/04/2024

em grego	citação	em português
... καί Μαρία ἡ Μαγδαληνή ...	(Jo 19,25d)	... e Maria de Magdala ...
... Τῇ δὲ μιᾷ τῶν σαββάτων Μαρία ἡ Μαγδαληνή ...	(Jo 20,1)	... no primeiro dia da semana Maria de Magdala ...
... Μαρία δὲ εἰστήκει πρὸς τῷ μνημείῳ ...	(Jo 20,11)	... Maria , porém, ficou ali, em frente ao sepulcro ...
... λέγει αὐτῇ Ἰησοῦς, Μαρία ...	(Jo 20,16)	... disse-lhe Jesus: Maria!
... Μαρία ἡ Μαγδαληνή ἔρχεται τοῖς μαθηταῖς ...	(Jo 20,18)	... Maria de Magdala foi anunciar aos discípulos ...

Fonte: produzido pelo autor

Num primeiro momento, afirma-se que Maria de Magdala estava “junto à Cruz de Jesus” (v. 25a), ao lado de outras mulheres. Neste caso, chama a atenção do ouvinte/leitor o lugar e a posição em que se encontra Maria de Magdala: a última das mulheres. Isto é, antes dela, são mencionados os nomes de: “sua mãe” (v. 25b); “a irmã de sua mãe” (v. 25c); “Maria de Clopas” (v. 25d) e, por fim, “Maria de Magdala” (v. 25e). Por que a pena joanina reservou o último lugar para Maria de Magdala? Pensa-se que, nesse cenário, outro lugar não seria mais conveniente para ela, uma vez que Maria, a mãe de Jesus, estava presente e precisava ter maior destaque. De igual modo, considera-se o paralelo entre esta cena e aquela que ocorreu no “primeiro dia da semana, quando Maria de Magdala foi ao sepulcro bem cedo” (Jo 20,1). Quer dizer, se estando em frente à Cruz, ocupou o último lugar, diante do mistério da Luz, assentou-se no primeiro entre os lugares. Mantendo consigo uma atitude apostólica e discipular ao “ficar ali, em frente, ao sepulcro, do lado de fora, chorando” (Jo 20,11), pronta para “esperar”, e, também preparada para “anunciar” (Jo 20,2). Fato é que “Maria de Magdala” já havia aberto o seu coração ao Mestre Jesus, pois entrou na vida dele cedo (cf.: Lc 8,2) e o seguia “desde a Galileia” (Mt 27,55), às vezes, “mais proximamente”. Outras vezes, nem tanto, ficava “mais a distância” (Mc 15,40), ao lado “dos Doze” (Lc 8,1) podia-se encontrar “Maria de Magdala”. Na doença foi curada (Lc 8,2) por Jesus. Até que, “ao cair da tarde” (Mt 27,57), Maria de Magdala se uniu-se a outra “Maria”, e ambas, frente ao “sepulcro” permaneceram “sentadas” (Mt 27,61). Entretanto, ao “ouvir” ser chamada pelo mestre, Maria, no caso de Magdala, “reconheceu-O” (Jo 20,16).

De um lado, Maria de Magdala é frequentemente confundida com outras Marias. Por exemplo: em Lc 7,36 afirma-se que, na casa de um fariseu, chegou uma “mulher da cidade, que era pecadora”. Imediatamente, a tradição interpretou essa mulher como Maria de Magdala. Além disso, em (Jo 8,3-11) menciona-se uma “mulher apanhada em adultério”, também identificada como Maria de Magdala. Em ambos os casos, apenas o gênero da pessoa é conhecido: mulher! Sequer é nomeada. E mesmo assim Maria de Magdala recebeu, ao largo dos

séculos, tamanha carga semântica, fruto de interpretações superficiais. De outro, Maria de Magdala tanto na tradição do quarto Evangelho (Jo 19,25; 20,1.11.16.18), quanto nas tradições sinóticas (Mt 27,56.61; 28,1; Mc 15,40; 16,1.9; Lc 8,2; 24,10), em geral, tem o seu nome descrito em primeiro lugar, com exceção da cena em (Jo 19,25s).

Do ponto de vista bíblico, não é possível apreender totalmente a identidade de Maria de Magdala. Uma vez que, o objetivo das escrituras é catequizar. No entanto, a lacuna junto a identidade da mulher proveniente de Magdala é logo suprimida, frente aos comportamentos por ela exercidos na macronarrativa textual. A cegueira que a visitou na “madrugada do primeiro dia” (Jo 20,1), quando ainda tudo estava “escuro”, fê-la compreender que a vida ganharia espessura identitária, quando em plena luz do dia, escuta o ressuscitado lhe chamar pelo nome: “Maria” (Jo 20,16)! Dito de outro modo: o que de Maria, não se pode apreender historicamente, no sentido cientificista, pode-se fazê-lo teológico e catequeticamente. Não se conhece o tipo sanguíneo desta Maria nem das outras Marias, mas é possível compreender o que se passava em seus corações.

Conclusão

Nos idos de seu ministério público, em (Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16), afirma-se que Jesus de Nazaré “subiu a montanha” e “chamou a si” aqueles que “ele queria”. Porém, em (Lc 8,1s), além dos “doze”, descreve-se a presença de um grupo de “mulheres” junto à pessoa de Jesus. Notadamente, elas, ao que parece, nunca foram chamadas oficialmente por ele. No entanto, uma vez tendo dele se aproximado, também nunca foram dispersadas. Em geral, exerciam um serviço de amor e sempre podiam ser encontradas em ações concretas, evidenciadas por verbos que indicam movimento e dedicação.

O discipulado de Maria, a irmã de Lázaro e Marta, manifesta-se nos verbos: “ungir” (Jo 11,2), “consolar” (Jo 11,19), “ficar” (Jo 11,20), “escutar” (Jo 11,28), “ir”, “ver” e “cair” (Jo 11,32), “visitar” (Jo 11,45), além de novamente “ungir” e “enxugar” (Jo 12,3). Para Maria, a mãe de Jesus, destacam-se os verbos: “estar” (Jo 2,1), “dizer” (Jo 2,3.5), “descer” (Jo 2,12), “entrar” (Jo 3,4) e “tomar” (Jo 19,27). As demais Marias, por sua vez, sobressaem-se por duas atitudes principais: “estar junto” e “permanecer” (Jo 19,25). Por fim, Maria de Magdala é retratada pelos verbos: “ir” (Jo 20,1), “ficar” (Jo 20,11), “voltar” a fim de “escutar” (Jo 20,16) e “anunciar” (Jo 20,18).

Há entre todas essas Marias um ponto em comum: são artífices do discipulado, dedicadas à escuta e disciplinadas na arte de operar discretamente. ‘Cidadãs’ de um mundo marcado pela desigualdade, essas mulheres immortalizaram-se por meio de uma ação silenciosa, porém ativa, viva e dinâmica. Certamente, a pena mateana foi muito feliz ao ratificar que “muitas mulheres” que acompanhavam “Jesus desde a Galileia” carregavam dentro de si uma única e exclusiva pretensão: a de “servi-lo” (Mt 27,55). Qualquer outra credencial além dessa é apenas orgulho e nada mais.

Em suma, as Marias, movidas pela discrição e quietude, viveram o epicentro da vida em Cristo na medida em que se tornaram discípulas. No mundo da pressão, o discipulado exige tempo e calma; no mundo do ruído, o discipulado exige silêncio; no mundo da distração, o discipulado pede e cobra a capacidade de escuta (MARTINI, 1992, p. 27). Eis uma possível fotografia das mulheres que, na tradição do quarto Evangelho, são chamadas pelo nome de “Maria (Μαρία)”.

Adicionalmente, pode-se observar que, mesmo sem uma nomeação formal, essas mulheres desempenharam papéis essenciais na narrativa joanina. O reconhecimento de Maria Madalena como a primeira testemunha da ressurreição (Jo 20,16-18) revela um aspecto singular do discipulado: aquele que transcende as

barreiras institucionais e se manifesta na fidelidade e no amor ao Mestre. Desse modo, a presença das Marias ao longo da macronarrativa do Evangelho de João reforça a ideia de que o seguimento de Cristo não se define apenas por um chamado explícito, mas também pela resposta ativa daqueles que, no silêncio, permanecem e anunciam.

Referência:

ALSTON, William. Percebendo Deus: a experiência religiosa justificada. Natal/RN: Carisma, 2020.

EBERLE, Christopher J. Religious conviction in liberal politics. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FRESTADIUS, Simo. Pentecostal rationality: epistemology and theological hermeneutics in the foursquare tradition. New York: T&T Clark, 2019.

HAUERWAS, Stanley. Uma Comunidade de Caráter: em direção a uma ética social cristã construtiva. São Paulo: Sal Cultural, 2000.

MACINTYRE, Alasdair. Justiça de quem? Qual racionalidade?. 4ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MIGUEL, Igor. A Escola do Messias: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

RAWLS, John. O liberalismo político; tradução Álvaro de Vita. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Public Reason. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy. Stanford University. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/public-reason/#Bib>. Acesso em: 17 jan. 2024.